



AS PRÁTICAS CORPORAIS NA COMUNIDADE KALUNGA – GO

Marcos Paulo de Oliveira Santos¹

Resumo: *O presente estudo tem por escopo analisar as práticas corporais da comunidade quilombola Kalunga – GO. Neste âmbito, a dança – parte da polissemia corporal –, constitui um fenômeno profícuo de estudo, pois consegue transparecer os variados significados de um determinado grupo. Para tal intento, analisar-se-á a comunidade supracitada. A pesquisa, portanto, tem por delineamento um estudo de caso e como procedimento de pesquisa a etnografia. Cabe salientar que o presente trabalho está em desenvolvimento na Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília e visa trazer contribuições teóricas ao campo acadêmico em sua vertente com as Ciências Sociais.*

Palavras-chave: *Corpo, cultura, quilombo, kalunga.*

Fundamentação teórica

As reflexões acerca do corpo remontam ao período da Antiguidade Clássica. E, realizar uma leitura diacrônica desse longo cenário não constitui uma tarefa fácil, tampouco, fidedigna, já que o corpo está imbricado de uma série de feixes significativos que possibilitam uma constante releitura. São numerosos os caminhos a serem percorridos sobre esse objeto. Trata-se, em suma, de um “(...) trabalho tão vasto e arriscado quanto aquele de escrever uma história da vida” (Sant’Anna, 2001: 03).

Deste modo, deve-se considerar que ao longo da história da humanidade vários fatores fizeram com que o corpo se tornasse um objeto de difícil compreensão e, por essa razão, uma abordagem calcada nas ciências sociais merece prudência e discernimento, a fim de não se incorrer numa mixórdia (Le Breton, 2009). Trata-se, em outros termos, de um ramo do conhecimento ou, mais especificamente, de uma sociologia do corpo ainda em desenvolvimento, nada obstante as valiosas contribuições de diversos pesquisadores.

Eivado de um sem-número de signos que o caracterizam nas lógicas sociais e culturais, o corpo transcende a concepção de mera ferramenta e constitui-se em um “vetor semântico pelo qual a evidência com o mundo é construída” (Op.cit., 2009: 07). Entretanto, nem sempre foi assim. Segundo esse autor, o corpo teve três distintas abordagens que podem ser assim compreendidas: uma *sociologia implícita do corpo*, momento em que os estudos ou análises se diluíam, ou seja, havia outros fatores mais relevantes do que a dimensão corporal; uma *sociologia em pontilhado*, que ensejou consistentes elementos de estudo sobre o corpo, todavia, esses elementos não foram

¹ Mestrando em Educação Física – FEF/UnB. Licenciado em Educação Física – UCB/DF. Licenciado em Letras-Português e Respectiva Literatura – UnB/DF.



sistematizados e, por fim, uma *sociologia do corpo*, que se inclinou mais especificamente sobre o objeto corpo e estabeleceu as lógicas que nele subjazem (Le Breton, 2009). Embora, para alguns, tal recorte seja arbitrário e problemático, as idéias do autor são didáticas e ajudam a compreender a totalidade para se chegar ao particular.

Dentro dessa lógica de se partir do todo para o particular, evocam-se os pensamentos de Hertz (1980) e Mauss (2003). O primeiro, relevante sociólogo francês, tendo por pano de fundo o contexto europeu, analisou a preeminência da mão direita sobre a esquerda e constatou que os significados forjados não se dão de modo casual. A assimetria corporal ocorre porque há inúmeros significados e significantes para o hemisfério direito que são antitéticos ao esquerdo. O segundo autor, Marcel Mauss, também sociólogo francês contemporâneo de Hertz, cunhou, dentre outras, as noções de homem total, técnica corporal e de ato tradicional e eficaz. Todas as abordagens são importantes para as análises referentes ao corpo.

Procedimentos da pesquisa

No decurso do Programa de Pós-Graduação (mestrado) em Educação Física, da Universidade de Brasília (UnB), pretende-se averiguar de forma acurada as práticas corporais em comunidades quilombolas ou remanescentes de quilombos no estado de Goiás. Assim sendo, a pesquisa, de cunho qualitativo, tem por delineamento um estudo de caso da comunidade Kalunga e utiliza-se como procedimento de análise a etnografia.

A eleição de tal comunidade não se deu de modo fortuito. Justificam-se, dentre outros fatores, a localização geográfica, o que permite o deslocamento do pesquisador ao campo empírico; e, a emblemática condição de tal comunidade, que tenta resguardar suas tradições.

De acordo Oliveira (1998) a faina do cientista social requer três etapas de um mesmo processo, indissociáveis: o olhar, o ouvir e o escrever. Com base nessa compreensão, a trajetória da pesquisa se constituirá por meio de fases como forma de facilitar o processo de construção do método:

- a) Levantamento bibliográfico em que se construirá um apanhado geral sobre o estado da arte, consultando-se, prioritariamente, trabalhos de teses e dissertações sobre o tema investigado, com base no banco de teses da Capes/IBICT;
- b) O segundo momento da pesquisa diz respeito ao campo propriamente dito. Com a intenção de identificar as práticas corporais, será feito o registro fotográfico e de imagem dos momentos festivos e cotidianos do grupo, procurando-se concentrar no uso do corpo como linguagem/técnica corporal, com base na noção de instrumento (Mauss, 2003). Ao passo que ocorrerão tais registros (fotográfico e de filmagens) também será realizada a observação direta, realizando-se apontamentos, anotações em diário de campo. Estes instrumentos combinados possibilitarão a análise minuciosa da polissemia corporal em foco, tendo-se em conta a noção de que a técnica corporal é um ato tradicional e eficaz (Mauss, 2003). Ainda serão feitas entrevistas com líderes comunitários, pessoas mais velhas, jovens, entre outras. A identificação dos sujeitos a serem entrevistados, (entrevistas gravadas com roteiro flexível), dar-se-á durante a realização do trabalho de campo, não sendo possível, inicialmente, descrever ou identificar o perfil dos mesmos.



c) Com base nos dados obtidos durante o trabalho de campo propriamente dito será realizada a análise. Os procedimentos de análise partirão das transcrições das entrevistas, dos registros do diário de campo e da averiguação das imagens. Pretende-se realizar uma interpretação dos sentidos das imagens colhidas, tomando-se por base as falas dos sujeitos entrevistados, bem como a interpretação do “dito” acerca da imagem. Para tanto, após a filmagem e o registro fotográfico, as imagens/fotografias serão apresentadas aos participantes da pesquisa, que serão inquiridos acerca da prática corporal. O objetivo – neste caso – será o de reconstruir a prática com base na fala do sujeito sobre sua ação, assim (re)construir-se-ão as categorias centrais que subsidiarão as práticas corporais a serem investigadas.

Por fim, esses dados pré-analisados serão confrontados com as contribuições teóricas construídas para o estado da arte, bem como com os autores que configuram o quadro teórico.

Desenvolvimento e Discussão

Cabe agora ampliar a lente e analisar o particular, ou seja, focar-se na comunidade Kalunga. Situada ao norte de Goiás, nas serras e vãos da Chapada dos Veadeiros, espalhada entre os municípios de Monte Alegre, Cavalcante e Teresina de Goiás, esse grupo lá vive por mais de dois séculos.

Segundo Junior (2008) o termo Kalunga, de gênese africana, possui vários significados: pode ser um determinado local na margem do Rio Paranã; ou ainda uma planta de mesma denominação da região; também, uma variante da língua Bantu e que faz referência ao mar; ou traz a noção de morte, já que os escravos queriam dar a impressão aos senhores que eles tinham morrido nas serras e vãos.

Sob a égide do pensamento de Oliveira (1998), num primeiro contato o pesquisador foi muito bem recebido. E foi possível criar um laço afetivo de confiança. No Vão das Almas, local situado em Teresina de Goiás, ocorreu em agosto do corrente ano, uma homenagem à Nossa Senhora da Abadia. Em devoção à Santa, os kalungas reuniram-se no local para celebração.

Ainda tendo por base a compreensão de Oliveira (1998) da tríade relevante ao mister antropológico foi possível, ali, num primeiro olhar, constatar que há uma forte religiosidade, consubstanciada nas representações do Império, um tipo de homenagem realizada nas proximidades e dentro da capela.

Mas foi possível averiguar também que a condição ontológica das pessoas da comunidade é vilipendiada pelo Estado Brasileiro. Não se encontram meios básicos de saneamento, logo, as necessidades fisiológicas são feitas na vegetação adjacente ou nos rios das proximidades. Esses são utilizados também para a limpeza dos corpos (banhos) e dos utensílios. A energia é proveniente de um gerador, que não funciona corretamente, sendo frequente a queda de energia nas pobres choupanas. Há um índice elevado de jovens e adultos envolvidos com o alcoolismo. Além desses graves problemas sociais, os objetos utilizados no festejo são atirados, em sua maioria, a esmo. Não há um cuidado com a natureza local, sendo comum a grande presença de lixo em alguns pontos específicos.

Essa digressão é necessária para demonstrar que os pensamentos de Fernandes (2007), Hasenbalg (2005) e Ortiz (2006) estão corretos no que concerne às dificuldades das



peças dessas comunidades tradicionais, mormente negras e mulatas, de terem meios básicos de subsistência e, conseqüentemente, para a realização das suas manifestações culturais de forma digna. Trata-se, em suma, da manutenção dos sistemas de castas mantidos anteriormente à Abolição; sistema cruel que impede a inserção dos negros e mulatos no mundo dos brancos (Fernandes, 2007).

No que tange às práticas corporais, escopo do presente trabalho, constataram-se que as mesmas ocorrem no rio, sobretudo com os jovens, que brincam e nadam. Elas se dão de modo casual, ou seja, por ocasião da higienização, eles acabam por brincar no rio enquanto suas mães e outros familiares observam-nos ou lavam os utensílios domésticos. Não é uma prática corporal planejada, estabelecida. Ocorre devido às circunstâncias que são criadas. Outras formas de diversão consubstanciam-se nas bicicletas, motocicletas e/ou cavalos, que permitem um deslocamento eivado de emoções e aventuras pela vegetação abundante. O curioso e, também, perigoso foi averiguar que muitos jovens, ainda adolescentes, dirigiam motocicletas pelo lugar. Por fim, percebeu-se também como meio de diversão juvenil o jogo de bilhar, bastante frequente defronte às choupanas.

Mas, além desses apontamentos, foi possível analisar duas relevantes práticas corporais: o forró e a sussa.

Siqueira (2006) constatou que o primeiro fenômeno ocorre em maior evidência porque está relacionado ao exógeno, suas letras são tidas como maliciosas ou ambíguas e apresenta traços do moderno. Ao passo que a sussa é expressa como o tempo do vínculo ao natural, outrossim, caracteriza o estreitamento dos laços de parentesco. Suas letras são transmitidas oralmente e remetem aos fenômenos da natureza (chuva, por exemplo), plantação, vida rural etc.

Para Junior, porém, na sussa

(...) as marcas do candomblé são evidentes: as mulheres dançam girando, com vestidos coloridos, ora aproximando os corpos, ora afastando. Muitas vezes bebem enquanto dançam e o ritmo é marcado pelos cantadores e pelos instrumentos. As letras, normalmente têm duplo sentido (mencionando o baixo-corporal) e as mulheres gargalham, gritam e se movimentam em uma espécie de transe (...). Aparentemente é o único gênero musical que permite a presença da mulher como instrumentista (...). Tanto os homens, quanto as mulheres podem cantar. Ela poder ser dançada entre casais, com os corpos se aproximando e se afastando, dando “umbigadas” (Junior, 2008: 04).

Em Siqueira (2006) há um conflito intergeracional, ou seja, a sussa denotando o aspecto mais bucólico e relacionado às pessoas mais velhas. E o forró caracterizado pelo moderno, conseqüentemente, aderido pelos mais jovens. Porém, diante dos apontamentos de Junior (2008) percebe-se a contradição instaurada. Ora, se o forró é criticado pelos mais velhos por conta dos traços que carrega, a sussa não é a antítese dele, mas uma manifestação diferente, que ao fim e ao cabo, caracteriza-se pela sensualidade e pela relação com baixo corporal.

Considerações Finais

Após essa exposição, no desenrolar da pesquisa, pretende-se compreender essa relação aparentemente conflituosa. O que pode ser posto, *de modo parcial*, é que não foi



percebido no campo empírico um conflito intergeracional. Ao contrário, um grande número dos mais velhos dançou o forró. Inclusive, com e entre os jovens.

Quanto à sussa, no caso em pauta, ela ocorreu tarde da noite, quando se levantaram o mastro em homenagem à Santa, após a reza na capela. Percebeu-se, no caso, que os jovens estavam em outro espaço, dançando outros ritmos e, aparentemente, não gostam das práticas religiosas. Enquanto os adultos, somente após a reza, dançaram a sussa e, posteriormente, o forró.

Muitas lacunas ainda permanecem, porém, pretende-se respondê-las todas ao final do curso acadêmico.

Referências Bibliográficas

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. 2. ed. São Paulo: Global, 2007.

JUNIOR, Augusto Rodrigues da Silva. **Festejo Quilombola: O Kalunga, o Divino, o Verso**. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14640.pdf> Acesso em 22 de maio de 2010.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

HERTZ, Robert. **A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa**. In: *Religião e Sociedade*, nº 6, p.99-128, 1980.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 1998.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **É possível realizar uma história do corpo?** In: SOARES, Carmen Lúcia (Org.). *Corpo e História*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

SIQUEIRA, Thaís Teixeira de. **Do tempo da sussa ao tempo do forró, música, festa e memória entre os kalunga de Teresina de Goiás**. 135f. (Mestrado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade de Brasília – UnB, Brasília. 2006.